

USOS DA MEMÓRIA E NARRATIVA NA OBRA LITERÁRIA “NIHONJIN” (2011) DE OSCAR NAKASATO

Esther Yuri Matsuo¹
Iara Cunha De Lima²
Beatriz Santos Simões³

Artigo recebido em: 20/01/2025.

Artigo aceito em: 09/07/2025.

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo principal analisar os usos da memória na (re)construção de uma identidade nikkei na obra literária *Nihonjin* (2011) de Oscar Nakasato. Para isso, a metodologia consiste em uma breve análise crítica a partir da redução estrutural, como proposta por Candido (1985), tendo em vista sua compreensão sobre a coesão do texto com as questões sociais e históricas. Dessa forma, utilizamo-nos da revisão bibliográfica do aporte teórico sobre memória e seus usos, sobretudo de Le Goff (2003) e Halbwachs (1990). Na análise da obra é apresentado o autor como elemento da comunicação artística (Candido, 1985), assim abordando contextos de produção, intenção e cenário histórico utilizado. Por último, é apresentado como o narrador-personagem se utiliza dessa memória intergeracional, da história e da imaginação para construir a narrativa de uma identidade nikkei e dos espaços ocupados pelo imigrante japonês e seus descendentes no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Nihonjin; Narrativa; Identidade nikkei.

Uses of memory and narrative in the literary work “Nihonjin” (2011) by Oscar Nakasato

ABSTRACT:

The main objective of this article is to analyze the uses of memory on the (re)construction of a Nikkei identity in the literary work *Nihonjin* (2011) by Oscar Nakasato. To do so, the methodology consists of brief critical analyses based on

¹ Graduada em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Membro pesquisadora do grupo de pesquisa interinstitucional DiASPoRA - Discursos de/sobre Acolhimento: Saber-Poder, Refúgio e Alteridade (UFSM/UFS/PUC - Campinas/UFS/CNPq). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5145262633144842>. ORCID: 0000-0003-3950-2713. Email: esther.y.matsuo@gmail.com.

² Graduada em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9429047252504973>. E-mail: iaracunhadelima28@gmail.com.

³ Graduada em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC - Ilhéus-BA). Graduada em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0383556141942599>. ORCID: 0009-0000-5143-8158. Email: biassimoes12@gmail.com.

structural reduction, as proposed by Candido (1985), considering his understanding of textual cohesion as it relates to social and historical issues. Therefore, we use bibliographic reviews of theoretical contributions on memory and its uses, especially Le Goff (2003) and Halbwachs (1990). In the analysis of the work, the author is presented as an element of artistic communication, as proposed by Candido (1985), thus addressing the contexts of production, intention, and historical background. Lastly, it is presented how the character-narrator uses this intergenerational memory, history and imagination to create the narrative of a Nikkei identity and the spaces occupied by the Japanese immigrant and its descendants in Brazil.

KEYWORDS: Memory; Nihonjin; Narrative; Nikkei Identity.

1. Introdução

Escrito por Oscar Nakasato, *Nihonjin* (2011) é uma obra literária na qual o narrador-personagem, Noboru, através de uma narrativa intergeracional, explora a saída do seu avô – Hideo Inabata – do Japão no início do século XX em seu processo de imigração ao Brasil. No livro, são narrados os anos de trabalho do avô na lavoura de café e depois no comércio, a construção da sua família e como seus filhos estabeleceram laços, ao mesmo tempo em que tenta manter seus costumes japoneses em condições econômicas adversas, em meio a um ambiente e cultura diferentes. Nesse sentido, Nakasato (2011) traz uma história fictícia, logo fazendo uso de um *quinhão de fantasia*⁴ (Candido, 1985), isto é, o recurso da imaginação para tornar a leitura mais expressiva, mas com fundamento em momentos históricos da imigração japonesa no Brasil. Essa escolha de construção narrativa possibilita a reflexão acerca da construção de uma memória coletiva e dos espaços construídos pelos imigrantes e seus descendentes a partir de uma identidade imaginada compartilhada coletivamente.

A dinamicidade dos grupos sociais enquanto constituição variada de corpos, vivências e espaços se insere na própria dinâmica histórica. Logo, narrar a história pela literatura também é um esforço de reconstituição do olhar sobre determinada instância e reproduz sentidos no contexto que o faz. No caso das imigrações japonesas ao Brasil, sob olhar dos descendentes – nikkeis –, as narrativas dos processos que garantiram presença e existência em território brasileiro foram

⁴ Candido (1985) chama de quinhão de fantasia o recurso da liberdade criativa utilizado por autores literários. No caso, são aqueles elementos que fogem da realidade, e são usados também em obras que se propõem a ser realistas, no sentido de não fantasiosas.

fomentadas sob diversos modos e instrumentos ao longo do tempo, seja através da história oral⁵, de produções artísticas⁶ e acadêmicas⁷, entre outros. Esses esforços são acentuados em períodos propícios para esse incentivo, como datas comemorativas da imigração japonesa ao Brasil, pois são esses períodos que há maior visibilidade à temática. A literatura nacional, portanto, funciona como meio para dar visibilidade às experiências imigratórias, demonstrando que essas são plurais ao passo que nela são inseridas diversidade de vivências.

Nesse sentido, *Nihonjin* (Nakasato, 2011) consiste em uma obra literária não científica, pois, apesar de ter a realidade permeando e sendo elemento de sua construção, como parte coesa da historicidade — o que não significa livre de conflitos —, o autor também utiliza do recurso do recurso imaginativo para apresentar um recorte sobre uma experiência vivida pelos imigrantes japoneses e nikkeis no Brasil. No texto isso é expresso na reconstrução da narrativa familiar pelos usos da memória e recursos da imaginação como algo consciente do narrador-personagem que afirma que o “passado agora habitava outro espaço, surgia para justificar o presente, era reconstruído, e não se necessitava ter restauradores” (Nakasato, 2011, p. 174).

Ainda, é possível observar que o próprio narrador-personagem da obra (Nakasato, 2011) realiza uma seletividade da memória (Pollak, 1992) quando faz uma escolha de dizer e não dizer sobre a memória de sua família. A memória não é um recurso pleno em si mesmo, é um processo ativo que pode ser alterado pelo contexto, pelas emoções, pelo próprio indivíduo ao passar do tempo (Pollak, 1992). Logo, ocorre uma seletividade da memória no dizer e registrar informações que são

⁵ A história oral, como aponta Uchigasaki (2019), é uma metodologia importante nos estudos sobre migração, pois pode proporcionar um contato direto com a fonte, o narrador. Desse modo, os relatos buscam reconstruir trajetórias, memórias e representações (Uchigasaki, 2019).

⁶ A arte como formato e processo de preservação e existência nos espaços é continuamente utilizada para reforçar a presença dos desdobramentos dos deslocamentos migratórios japoneses no Brasil. Sobre isso, vale mencionar esforços institucionais na promoção da produção artística com esse fim, com destaque para o Museu da Imigração Japonesa.

⁷ Dentre inúmeros trabalhos sobre a imigração japonesa, destacamos o livro “Resistência & integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil” (Sakurai; Coelho, 2008) promovido pelo IBGE. Essa obra teve sua importância em consolidar a imigração japonesa no território brasileiro ao tratar dessa temática trazendo a presença, vivência e memória de imigrantes japoneses e de seus descendentes como parte da historicidade brasileira, e não como um momento isolado.

escolhidas enquanto relevantes para serem lembradas (Pollak, 1992). Com isso, a memória sofre flutuações a partir do momento em que ela é articulada, como também a partir das preocupações do indivíduo durante a sua estruturação (Pollak, 1992).

A presente pesquisa é do tipo exploratório e qualitativo, com o texto literário analisado sob noção metodológica de Antonio Candido, partindo de seu ponto de vista sobre a relação dialeticamente íntegra entre a escrita, a realidade social e a história (Candido, 1985). Dessa forma, analisamos a obra *Nihonjin* (Nakasato, 2011) a partir da redução estrutural (Candido, 1985; 1993) como método de análise do texto, o reconhecendo como esse *todo indissolúvel* coeso com o mundo. Temos por premissa, então, o trato do nosso objeto não como reflexo ou pista descritiva do mundo: o texto literário é parte do mundo e merece ser analisado como um objeto que possui funcionamento próprio, composto por elementos externos e internos a obra (Candido, 1985). Utilizamos também da revisão bibliográfica para introduzir os conceitos de senhor da memória (Le Goff, 2003) e de sementes de rememoração (Halbwachs, 1990), os quais são aplicados na análise da obra. Os conceitos são, nesse sentido, fundamentais para entender o processo de preservação da memória exercido por meio da escrita literária e estimulado pela comemoração dos cem anos de imigração japonesa no Brasil.

Para isso, este trabalho é organizado em três partes: I. introdução dos conceitos de memória e usos da memória (Le Goff, 2003; Halbwachs, 1990) como arcabouço teórico da pesquisa seguido de uma explicação acerca da metodologia de análise literária adotada a partir de Antonio Candido (1993); II. análise da obra *Nihonjin* (2011), centrada na utilização dos usos da memória na estruturação de sua narrativa, também considerando o papel, lugar e intenção do autor juntamente com o contexto histórico de fundo na elaboração da obra e, por fim; III. é apresentado o uso da memória na construção de espaços e de identidades relacionadas a imigração japonesa no Brasil.

2. Diálogos entre memória e o texto literário: discussões teóricas e metodológicas

Em *Nihonjin* (Nakasato, 2011) a memória surge como um dos elementos principais da construção narrativa, em específico, no resgate e (re)constituição da história familiar. A memória trazida pelo autor é colocada como um elemento socialmente construído, isto é, não um fato dado estático.

O texto literário não é um objeto transparente, em que há somente uma interpretação baseada na intenção do autor ou interpretação textual. A literatura mobiliza e é mobilizada por sentidos que a fazem ser compreendida pelo leitor, de modo que o contexto, momento histórico, discurso e a intenção do autor são fatores que interferem na leitura desse material, possibilitando múltiplas interpretações baseadas na coerência do texto com a realidade (Candido, 1985; 1993). Por isso, a análise do texto literário, ou da sua narrativa, não se limita a interpretação textual, pois a literatura aponta para além do texto, sua exterioridade marcada pela historicidade (Candido, 1985).

Analizamos a obra *Nihonjin* (Nakasato, 2011) como esse *todo indissolúvel* (Candido, 1985) constituído dos seus fatores externos — a saber, as intenções do autor, enquanto sujeito de uma ordem social, e os aspectos contextuais de produção da obra, como o marco histórico do centenário da imigração japonesa ao Brasil —, e fatores internos do livro, principalmente, como o narrador-personagem constrói e reconstrói uma história a partir de relatos, memória e imaginação. Dessa forma, antes de analisar os elementos estruturais em *Nihonjin* (Nakasato, 2011), é preciso que sejam introduzidas noções conceituais sobre a memória e seu funcionamento. Autores como Jacques Le Goff (2003), Pollak (1992) e Maurice Halbwachs (1990) abordam e apresentam aspectos sobre seu funcionamento em diferentes esferas de análise.

A memória, segundo Le Goff (2003), pode ser entendida como a propriedade humana de conservar certas informações e remete, dessa maneira, a um conjunto de funções psíquicas. Ainda segundo o autor existem tipos de memória, aos quais são divididas em: I. memória étnica, a qual garante a reprodução dos comportamentos das sociedades humanas; II. específica, que define a fixação e o comportamento dos animais, e; III. artificial, recente, relacionada a aparelhos eletrônicos (Le Goff, 2003,

p. 425-426). Neste trabalho, tratamos primordialmente da ligação entre memória e identidade social (Pollak, 1992), um fenômeno essencial para a coletividade e para a construção da memória coletiva (Halbwachs, 1990), principalmente com relação aos comportamentos que constituem a memória étnica de sociedades (Le Goff, 2003).

O sentimento de identidade, relacionado com a memória, remete ao “sentido de imagem de si, para si e para os outros” (Pollak, 1992, p. 5). Outro aspecto importante da relação de memória e identidade é que elas são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais (Pollak, 1992), visto que memória e identidade são fenômenos construídos e, por isso, há disputas para saber qual memória e identidade são ditos e expressados e quais serão esquecidos.

Outrossim, juntamente com o que é selecionado da memória, existe o agente que realiza esse papel e, com isso, Le Goff (2003) apresenta a ideia de senhores da memória para se referir a esses agentes, ressaltando que essa ocupação é uma das principais preocupações das classes, dos grupos que dominaram e dominam as sociedades históricas – mesmo que não se restrinja a eles. Esses senhores de memória relacionam, também, com a memória étnica, no qual Le Goff (2003) menciona que em sociedades sem escrita existem especialistas da memória. Eles são “a memória da sociedade” e são depósitos da história objetiva e ideológica (Le Goff, 2003, p. 429). Toma-se como um exemplo de senhor de memória os chefes de família, geralmente anciãos, os quais possuem importante papel de manter a coesão social de um grupo (Le Goff, 2003). Ou seja, esses senhores de memória são os responsáveis por guardar a memória de um grupo e garantir que ela será transmitida e mantida viva.

Sendo assim, Halbwachs (1990) afirma que as testemunhas são necessárias para recordar ou confirmar uma lembrança, porém, como o mesmo aponta, esses relatos não são suficientes em sua maioria, afinal, o que é reproduzido pelas testemunhas pode ser algo abstrato e incompleto, dada a capacidade do indivíduo de recordar e narrar. O papel das testemunhas é importante, mas acessório e complementar, e a partir disso, Halbwachs (1990) também apresenta sobre a semente de rememoração. O argumento do autor parte da percepção da insuficiência da

participação direta ou indireta para que, a partir dos testemunhos, possa haver a recordação. Segundo o autor (Halbwachs, 1990), pode ser que os testemunhos, quando usados de maneira única, possam reproduzir o passado de modo fragmentado. Por isso, os resquícios de certo acontecimento no espírito de um indivíduo podem gerar a expressão mais exata de tal fato (Halbwachs, 1990). Dessa forma, quando se toma os testemunhos, “para algumas lembranças reais junta-se assim uma massa compacta de lembranças fictícias” (Halbwachs, 1990, p. 28).

A semente de rememoração, segundo Halbwachs (1990), é um elemento que permite que o conjunto de depoimentos exteriores ao sujeito possa se transformar em uma forma densa de lembranças. O autor afirma que um depoimento não será a única coisa capaz de trazer uma lembrança “se não permanecer em nosso espírito algum traço do acontecimento passado” (Halbwachs, 1990, p. 28). Dessa forma, ao fazer parte de um grupo com elementos em comum entre os integrantes, alguns aspectos permanecem e facilitam o contato e a identificação. Com a semente de rememoração, é possível colocar o ponto de vista de um indivíduo, membro de um grupo e todas as noções que são comuns a seus membros para a constituição da memória.

Dessa forma, a memória é seletiva, pois em alguns casos existe a incapacidade de registrar em totalidade os acontecimentos, afinal, a memória sofre flutuações do momento em que algum fato ocorre até o momento em que ele é expresso (Pollak, 1992). Ainda segundo Pollak (1992), este fato acontece em detrimento de uma estruturação da memória, que também ocorre na memória coletiva. A estruturação da memória diz respeito à seletividade de elementos com o fim de promover a organização de certo fato, ao qual Pollak (1992) utiliza como exemplo as datas comemorativas nacionais que são estrategicamente escolhidas para fazer parte de uma memória nacional. A organização da memória em detrimento de preocupações pessoais e políticas expõe o caráter social da memória como um fenômeno que pode ser construído, seja pela memória individual e coletiva.

2.1 Antonio Candido e análise literária: abordagem teórico-metodológico

Partindo do questionamento de como os usos da memória são feitos na construção da narrativa na obra literária, torna-se necessário observar como esses sentidos são constituídos na estrutura da obra. Por isso, apoiamo-nos na concepção de Antonio Candido (1985; 1993) para a estruturação metodológica deste trabalho, tendo em vista a nossa busca em analisar o elemento estrutural da obra *Nihonjin* (Nakasato, 2011), entendida como resultado de uma vivência social e que também se torna parte da sociedade brasileira.

O intelectual brasileiro, crítico literário e sociólogo, Antonio Candido (1993, 2006) defende o texto literário como produto da ordem social. Segundo Arnt (2018), Candido compreende que ocorre uma “internalização do elemento externo” (Arnt, 2018, p. 121) na estruturação da obra, como *um todo indissolúvel*, não se detendo a questões sobre origem da determinação da forma e conteúdo. Assim, segundo Candido (1985; 1993), a obra como um elemento coerente e coeso se utiliza do social na construção estrutural dela, unificados de modo orgânico. Nesse ínterim, ele ressalta a comum dificuldade de realizar uma análise crítica integral do texto literário, visto que o manejo do texto como um objeto coeso de elementos da linguagem, condições sócio-históricas e a narrativa é um desafio assumido pelo próprio autor e, baseado nisso, Candido (1985; 1993) desenvolve um método de análise denominada redução estrutural.

Candido apresenta a redução estrutural como um meio de condução investigativo baseado na descrição e análise dos elementos estruturantes do texto enquanto objeto coeso à sociedade, pois o “alvo é analisar o comportamento ou o modo de ser que se manifestam *dentro* do texto, porque foram criados nele e partir dos dados da realidade do exterior” (Candido, 1993, p. 10). Assim, com esse conceito, Candido sugere uma superação da separação entre o interno e externo do texto, mas sem lançar fora o reconhecimento de métodos e estratégias de análise considerando essa separação, tais como a análise voltada ao externo, denominado pelo autor como sociologia da literatura, que procura enfaticamente os condicionamentos externos da obra, e a crítica estruturalista, voltada para a análise da composição gramatical e enunciativa dos encadeamentos do texto (Candido, 1985).

O equilíbrio delicado defendido por Candido na condução da análise reflete em uma necessidade de flexibilização de estratégias que se adequem à qualidade da obra, o que resulta na compreensão da obra como autônoma, implicando na necessidade de adequação específica à obra a ser analisada para demonstrar e analisar os encadeamentos da estrutura do texto, isto é, analisar a sua redução estrutural (Candido, 1993).

Para uma obra ser considerada autônoma, ainda segundo Candido, é necessário que haja uma “impressão de verdade porque antes de serem ou não verossímeis são articulados de maneira coerente” (Candido, 1993, p. 11) com o mundo. Isso implica que a ‘verdade’ no texto não possui relação com seu compromisso científico verossímil aos fatos históricos, mas sim “da sua organização própria que dá referência ao mundo exterior, pois este só ganha vida na obra literária se for devidamente reordenado pela fatura” (Candido, 1993, p. 11), implicando uma observação da coerência de *Nihonjin* (Nakasato, 2011) com o mundo no qual dialoga.

Sobre isso, Candido reconhece que a obra é formada também pela intencionalidade e lugar do autor para determinado público receptor pois

não convém separar a repercussão da obra da sua feitura, pois, sociologicamente ao menos, ela só está acabada quando repercute e atua, porque, sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter humana (Candido, 1985, p. 31)

Entretanto, apesar de ser uma peça importante no mosaico de estruturação da narrativa como resultado da sociedade, não é a totalidade do texto devido à variedade de sentidos que uma obra pode conter e ser compreendida, pelas variáveis das lentes ou critérios de avaliação e interpretação da obra (Candido, 1993). Logo, apesar de Oscar Nakasato, autor de *Nihonjin*, ter uma intenção de conduzir uma determinada mensagem para um público receptor, a possibilidade de interpretação polissêmica do texto é algo que escapa do sujeito individual pois também faz parte da experiência coletiva. Além disso, a polissemia nas possibilidades de interpretação do texto nos leva a organizar nossa análise centralizando na redução estrutural do texto nos usos da memória, como elemento estruturante da obra *Nihonjin* (2011). Assim,

questionamos como é o funcionamento dos usos da(s) memória(s) de uma vivência intergeracional nikkei no Brasil neste texto literário.

Por razões didáticas dividimos nossa análise em duas etapas: I. descrição das condições sociais que permeiam a obra, isto é, introdução sobre o autor Oscar Nakasato, e o contexto no qual a obra foi produzida que a influenciou e; II. breve análise dos usos da memória na obra pela redução estrutural (Candido, 1985; 1993). Justifica-se essa sistematização pela consideração da interrelação do contexto sócio-histórico e a intenção de um autor na obra, de maneira que importa compreender o autor — no sentido de que este possui uma posição social que constitui um aspecto da estrutura da sociedade (Candido, 1985) — e o texto — no sentido de ser resultado da sociedade (Candido, 1985).

Com base na condução de Nakasato (2011) na estruturação da obra, foram utilizados dois critérios de análise sobre os usos da memória no texto: I. o uso da memória na construção das tensões externas aos personagens da família de Hideo e; II. o uso da memória na construção das tensões internas do narrador-personagem, neto de Hideo, Noboru. Apesar dessa divisão, esses elementos são inter-relacionados e compõem a base estrutural da obra de modo coeso. O elemento de coesão entre essas duas bases é o tempo, a instância de evocação e reconstituição da memória, que não é somente individual, também é coletivo.

3. Breve análise da obra literária *Nihonjin* (2011) de Oscar Nakasato

Em consideração à influência mútua que as condições sociais e a iniciativa do autor de uma obra possuem, importa entender o autor no sentido de que este possui uma posição social que constitui um aspecto da estrutura da sociedade (Candido, 1985). Oscar Nakasato é neto de japoneses, nascido em 1963 em Maringá no estado do Paraná, possui doutorado em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual Paulista, sendo professor na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, local onde leciona literatura e linguagem (Teixeira, 2014). Como resultado de sua pesquisa,

Nakasato⁸ chega à conclusão de que os personagens de origem nipônica na literatura nacional brasileira, até então, eram comumente representados de maneira caricata e rasa. Dessa forma, personagens mais profundos e complexos, dentro desta temática de identidade nipo-brasileira e seus dilemas, surgem de forma mais expressiva apenas a partir da década de 1990, com mais produções de autores com ascendência japonesa (Teixeira, 2014).

Nesse ínterim, a obra se insere num momento de fomento à produção sobre a imigração japonesa, pela proximidade à data comemorativa do centenário. Nas oportunidades de datas comemorativas foram instauradas instituições com o intuito de preservar a memória e a história da vida dessas pessoas, a exemplo do centenário, ocorrido em 2008, com a criação do banco de dados com os nomes, locais de origem e locais para os quais foram mais de 200 mil imigrantes japoneses ao longo dos anos pelo Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil (MHIJB)⁹ (Motoyama, 2008).

Nihonjin (Nakasato, 2011) teve sua escrita finalizada em 2006 e foi seu romance de estreia, sendo publicado apenas em 2011 pela editora Benvirá. Quanto à repercussão entre críticos literários, motivadas pelo prêmio Jabuti na categoria Romance em 2012, Teixeira (2014) observa que houve críticas a escrita simples da obra, que mesmo se utilizando de termos acadêmicos, “concordam em um ponto fundamental da obra: a escrita ‘simples’, sem apelo à experimentação estética, marcado pela busca de clareza para facilitar o entendimento” (Teixeira, 2014, p. 19).

Já o resenhista Gilberto Araújo (2011) traz um foco na representação de personagens japoneses e descendentes, apontando a dualidade entre ser japonês (*nihonjin*) e ser brasileiro (*gaijin*), assim como as xenofobias e conflitos internos que são tratados, colocando que Nakasato possui o diferencial “por historicizar e enfatizar

⁸ Para a sua tese de doutorado, defendida na UNESP, Nakasato trabalhou com os personagens de origem japonesa na literatura brasileira no século XX, traçando um panorama a partir de romances e contos de autores de origem diversas, na tese intitulada “Imagens da integração e da dualidade: personagens nipo-brasileiros na ficção”, publicada pela Blucher em 2009 (Teixeira, 2014).

⁹ O MHIJB funciona, nesse sentido, como um lugar de memória, sendo material, simbólico e funcional. E com lugar de memória, Nora (1993) coloca como suporte material para a memória do processo migratório, tão essencial para a identidade dos imigrantes e dos seus descendentes.

a pesquisa subjetiva. No romance, tudo é migratório: famílias, espaços, crenças, valores e identidades” (Araújo, 2011)¹⁰.

Em entrevista, à Revista Polifonia (Duarte, 2014), Nakasato afirma que sua vivência pessoal e seu doutorado foram fundamentais para a escolha e condução da temática, sendo a pesquisa acadêmica “uma forma de resgatar minha própria história” (Duarte, 2014) como “um exercício de autoconhecimento” (Duarte, 2014). Nakasato afirma na ocasião que no período em que escreveu a obra *Nihonjin* (2011) havia falta de diversidade na literatura nacional com personagens complexos de origem japonesa, e surge assim a oportunidade de preencher essa falta (Duarte, 2014).

Nesse sentido, ao Jornal Cândido (s.d.) Nakasato discorre sobre um conflito identitário compartilhado entre muitos nikkeis, representado na palavra nipo-brasileiro, que segundo o autor, “define bem esse sujeito que incorpora a cultura ocidental, mas preserva ao mesmo tempo, os laços que o mantém ligado à cultura japonesa” (Jornal Cândido, s.d).

Na obra, esse conflito identitário surge em todas as gerações apresentadas, com suas particularidades alinhadas com os contextos em que vivem. Os contextos históricos que são vivenciados abarcam desde a imigração japonesa do século XX até o movimento de nikkeis para o Japão no século XXI, esse movimento é comumente denominado *dekassegui*. Em todos esses movimentos nos é apresentado a perspectiva do personagem Noboru, no qual narra os acontecimentos, como quem os vivencia também, e participa de fato juntamente com seus familiares. Assim, partindo do entendimento de que a “arte, e, portanto, a literatura, é uma *transposição do real para o ilusório*¹¹ por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos” (Candido, 1985, p. 53, grifo nosso) é relevante

¹⁰ Ainda segundo Teixeira (2014) foram comuns críticas sobre a representação da figura da mulher na obra, mas que, se revelariam injustas pois essas personagens não se reduzem a concepções rígidas e caricatas, mas transitam e subvertem em determinados momentos da narrativa.

¹¹ Não confundir o termo ilusório de Candido (1985) por irreal, falso ou ficção, pois a intenção do autor é tratar sobre a criação de uma ordem interna do texto a partir de componentes da realidade que o sustentam e o fazem ser entendido pelos leitores.

apresentar esses contextos internalizados na obra para realizar a análise sobre os usos da memória nela.

Nihonjin (2011) é dividido em sete capítulos, com cada um focado em determinado momento da família de Hideo que também são traduzidos em momentos da imigração japonesa no Brasil. Cada capítulo, apesar de não ter títulos, possui a primeira frase ressaltada como prelúdio sobre os acontecimentos a serem narrados pelo personagem, Noboru, determinado em reconstruir os percursos da imigração de Hideo, seu avô (“*ojiichan*”), até o “quase retorno” (Nakasato, 2011, p. 162) de Noboru ao Japão.

O livro possui um narrador-personagem que é responsável por cumprir o papel de reconstituir, transmitir e manter a memória dentro da narrativa da obra (Nakasato, 2011), podendo ser compreendido como senhor da memória (Le Goff, 2003), indivíduo responsável por transmitir e manter as lembranças de um grupo vivas. Deste modo, o narrador-personagem utiliza de fotos e dos testemunhos de seu avô Hideo para fazer a reconstituição da memória. Então, a memória desses fragmentos pelas testemunhas que os vivenciaram, o seu avô Hideo (“*ojiichan*”), sua avó Shizue (“*obâchan*”), a primeira esposa de seu avô (Kimie), seus tios (Hanashiro, Hitoshi, Haruo e Hiroshi), tias (Tomie e Emi) e seus pais (Sumie e Ossamu), conduzem o fio que arranja a percepção do narrador de si mesmo. Dessa forma, ele é resultado e parte dessas relações, mesmo que conflituosas, das gerações de sua família com o processo de deslocamento do Japão e adaptação ao Brasil em diferentes contextos históricos, políticos e sociais.

3.1 Uso da memória da imigração japonesa ao Brasil

Entre 1908 e 1924, a imigração era subsidiada pelo governo do estado de São Paulo e foi impulsionada, no Brasil, pela necessidade de mão de obra para a economia cafeeira em recuperação (Suzuki, 1995) e, no Japão, por dificuldades financeiras consequentes da guerra com a Rússia (Uehara, 2008) e da Restauração Meiji, desde

1868, que proporcionou internamente diversas reformas de base que pressionaram a população mais pobre a emigrar do país (Kodama; Sakurai, 2008).

Era comum entre os imigrantes japoneses a idealização de gerar fortunas nessas terras distantes, pensamento que levou muitos a adquirirem empréstimos para custear a viagem (Handa, 1987). Não apenas isso, mas exigia-se um certo número de pessoas em uma casa, levando a formação de famílias de forma descuidada e a agregação de pessoas sem aptidão para a agricultura, sem o conhecimento do funcionamento de uma fazenda de café. Na obra, narrador-personagem destaca que um dos motivos para a imigração de seu avô e seus companheiros é a questão econômica, a exemplo de um diálogo imaginado — pelo narrador-personagem — de Hideo sobre seus planos: “Hideo prosseguiu falando, agora sobre os seus projetos pessoais: teria uma loja de utensílios domésticos em Tóquio ou Osaka, já que o Japão estava se industrializando” (Nakasato, 2011, p. 15). Contudo, posteriormente, ocorre a realização sobre a impossibilidade de concretizar seus planos pois:

os mesmos anos também lhe indicaram que fora iludido sobre a possibilidade de se ganhar bastante dinheiro na lavoura cafeeira. [...] Jamais cogitou culpar o imperador, que sempre incentivara as viagens dos japoneses para além-mar. [...] Sim, as fazendas de café enriqueciam, mas somente os proprietários (Nakasato, 2011, p. 46)

Neste trecho, é possível observar a interferência do contexto histórico nas condições psicológicas dos personagens, principalmente em Hideo, que nesta passagem relata ao neto, Noboru, e este repassa com suas impressões no texto pois “o escutava com os ouvidos de quem crê” (Nakasato, 2011). Ainda sobre o trecho sobre a frustração de Hideo, evidencia as condições externas interferindo sobre sua vida e em sua família — pois dadas as mesmas condições fora obrigado a se casar novamente após o falecimento de sua primeira esposa, Kimie, e o abandono de seu amigo, Jintaro —, e seus esforços diante do cenário imposto sobre ele. Assim é contornado os limites possíveis de sua adaptação no Brasil, marcado por dificuldades.

Dentre as dificuldades de adaptação, é possível apontar condições como a vivência em um local com língua, clima e culinária completamente diferentes daqueles

de seu país de origem (Beltrão; Sugahara; Konta, 2008). Essas questões são colocadas ao longo do texto, mas as dificuldades na vida no campo são estruturadas de maneira mais evidente nos desafios de adaptação ao português.

As questões relacionadas à língua portuguesa são materializadas no texto através da narração, evidenciando as dificuldades que seu avô enfrentou com o novo idioma. Isto pode ser visto numa fala orquestrada pela imaginação do narrador-personagem que antecipa os desafios de adaptação linguística: “não se aprende a falar uma língua estrangeira de um dia para o outro. Vocês devem se preparar para um começo de dificuldades para não serem surpreendidos” (Nakasato, 2011, p. 15). Estas dificuldades que o narrador-personagem comenta são relacionadas ao convívio dos imigrantes com os outros indivíduos da sociedade brasileira. Assim que chegaram ao Brasil, o narrador-personagem destaca que foi preciso um intérprete da Companhia de Imigração traduzisse as primeiras palavras trocadas entre os imigrantes e os brasileiros. Entretanto, em toda a experiência nas lavouras era preciso se comunicar misturando algumas palavras japonesas com o português e gestos¹², dificultando — porém, não impossibilitando — o convívio social, afinal a comunicação se torna complexa.

Em certo ponto da história, é abordado que seria melhor os imigrantes se conformarem e aprenderem português, para “tentar construir uma vida no país que os acolhera e se tornara, [...] fazer as crianças estudarem a língua portuguesa, que era o único modo de garantir que tivessem uma vida melhor no futuro” (Nakasato, 2011, p. 72). Neste trecho é colocado a importância do idioma para a melhora do convívio social, pois em vários momentos é demonstrado a vulnerabilidade que se encontram por não terem o domínio da língua portuguesa.

¹² Como pode ser observado no trecho: “Com uma enxada nas mãos e falando muito, esquecendo-se de que aqueles aprendizes não podiam compreendê-lo, pôs-se a ensinar com palavras e gestos” (Nakasato, 2011, p. 22)

Uma outra questão sobre o contexto da imigração japonesa que estrutura a obra nos usos da memória é a espera de Kimie (ou “Kimichan”) por neve nos invernos de São Paulo:

Em seu primeiro inverno no Brasil, Kimie esperou pela neve. Foi o que me chamou atenção. A gênese genuína, inscrita no passado de ojii-chan. A partir dela surgiram os demais, algumas partes exatas, outras inexatas, pois a escritura do que precisa é de papel e tinta. As conversas com vovô, as entrevistas com tio Hanashiro, as leituras do livro de Tomoo Handa e a minha mania de arquitetar com palavras: eis a história (Nakasato, 2011, p. 39)

Aqui é possível observar a seletividade da memória sendo utilizada para construir a memória individual (observado em “Foi o que me chamou atenção” (ibid.) e “a minha mania de arquitetar com palavras” (ibid.) e coletiva (“as leituras do livro de Tomoo Handa” e menção ao “passado de ojii-chan” (ibid.) do narrador-personagem. O narrador-personagem assume esse papel de senhor da memória (Le Goff, 2003), e explicitamente afirma que se utiliza de sementes de rememoração (Halbwachs, 1990) para construir essa memória, que não se enrijece aos fatos pois “a escritura do que precisa é de papel e tinta” (Nakasato, 2011, p. 39), e a memória necessita apenas de uma “gênese genuína” (Nakasato, 2011, p. 39) e coerência. Apesar de não se limitar a exatidão, na elaboração da memória coletiva apoia-se em registros como o livro citado de Tomoo Handa, artista imigrante japonês e autor do livro *O imigrante japonês* (1987), uma das fontes que o narrador-personagem se apropria para compor a coerência coletiva da memória narrada. Além disso, sob uma outra perspectiva, é possível compreender a espera de Kimie pela neve como uma metáfora à condição em que se encontrava, aguardando por algo que nunca viria ser possível, isto é, o retorno ao Japão.

Essa expectativa de retorno estrutura as relações familiares de Hideo, pois fundamentado nessa crença, procura manter em si e em seus familiares elementos culturais e identitários que os mantivessem como japoneses (“*nihonjin*”) em terra estrangeira, até se tornar insustentável. A condição de insustentabilidade se revela nos conflitos constantes entre Hideo e seu filho, Haruo, que sempre o questiona sobre as

contradições em suas crenças, e intensificadas pelo contexto de incentivo ao patriotismo juntamente a proibição do ensino e uso das línguas dos países do Eixo.

Por isso, é interessante encarar a narrativa de *Nihonjin* (2011) como que perpassa e se confunde, pela internalização, com a própria historicidade da imigração japonesa no Brasil. Dessa forma, *Nihonjin* (2011), mesmo com a interferência do narrador-personagem e com a seletividade da memória, ao reconstituir a memória de sua família procura também reconstruir uma memória coletiva dos imigrantes japoneses, como aponta Nakasato em entrevista a Duarte (2014).

Sendo assim, o narrador-personagem, Noboru, imagina e vê a história. Por meio de sua imaginação, dos testemunhos de seu avô Hideo, registros históricos, fotografias e entrevistas com demais familiares, o narrador-personagem consegue dar forma a história que seu avô, japonês, passou durante o processo de imigração no século XX. Pode-se, então, compreender a estruturação da obra semelhantemente aos próprios marcos da imigração japonesa ao Brasil, visto que esses marcos são internalizados na condução dos acontecimentos da narrativa pelo uso da memória na reconstrução dos fatos.

Dessa forma, a memória nikkei apresentada em *Nihonjin* (2011) é marcada por essas condições sociais, adaptação linguística e da dificuldade financeira dos imigrantes, questões essas que permeiam e movimentam a vida dos personagens construídos por Nakasato (2011) através do narrador-personagem. Esses aspectos são retomados na aproximação desses espaços e tempos, percorridos e vivenciados pela família, demonstrando a complexidade de fatores que levaram a conflitos geracionais passados e presentes. Logo, aponta para produção de sentidos do narrador-personagem com os espaços, não se restringindo a descrição histórica, mas um envolvimento ativo que culmina nos deslocamentos entre esses espaços — Brasil e Japão.

3.2 Uso da memória na construção dos espaços e identidade

A memória como ferramenta de construção de noção de si em relação ao mundo perpassa pela construção da narrativa. Essa narrativa é construída em cima de elementos discursivos, como a memória discursiva (Fernandes; Sá, 2021) — o que não significa necessariamente isenta de contradições ou sem conflitos —, pois para que algo seja compreendido num dado contexto foi preciso que antes fosse enunciado na historicidade. A fundamentação da obra na composição psicológica, social e política é estruturada nos usos da memória da própria constituição individual e coletiva do narrador-personagem e, conseqüentemente, de seus familiares. A obra, como um todo coeso, tem como material estrutural a dualidade *nihonjin* (japonês) x *gaijin* (estrangeiro ou brasileiro), com a essas identidades relacionadas a elementos intergeracionais, linguísticos, espaços, migratórios, étnicos e culturais que, em específico, tratam da identidade nikkei.

O termo *nikkei* tem sua origem na palavra japonesa *nikkeijin*, que traduzido seria “pessoa de origem japonesa, nascida fora do Japão” (Ischida, 2010, p. 13). Logo, identidade nikkei pode ser compreendida como uma identidade diaspórica intimamente relacionada com fatores intergeracionais. Por isso, detém de especificidades e dilemas influenciados pelas condições sociais e históricas - como formação educacional, língua, geração (Ishikawa, 2016) - decorrentes dos processos migratórios, não sendo exclusiva do Brasil.

Um dilema comum da tensão entre ser *nihonjin* (japonês) e *gaijin* (estrangeiro) é forjada em marcadores de diferença que ora se sustentam por imposição externa - sobretudo por meio da estrangeirização de relacionar o nacional enquanto o outro, estrangeiro - ora se sustentam por vontade e resgate interno, como mencionado no trecho:

Um dia, na escola, a professora disse: - Haruo, Hitoshi, vocês não são japoneses, são brasileiros. Vocês não nasceram no Brasil? [...] e lembrou que seu pai sempre lhe ensinara que era *nihonjin*, que *nihonjin* era diferente de *gaijin* [...] (Nakasato, 2011, p. 62-63)

Nesse trecho, é possível observar a interferência de duas instituições sociais, a escola e a família, no estabelecimento da dualidade nacional (“*gaijin*”) e estrangeiro

(“*nihonjin*”). Existe, então, normativa sobre essa dualidade baseada no nascimento - “você não nasceu no Brasil?” (Nakasato, 2011, p. 62) - e na identidade familiar “seu pai sempre lhe ensinara que era *nihonjin*” (ibid). Como encadeamento desse confronto, os argumentos de Hideo a Haruo sobre quais os fundamentos ele seria *nihonjin*, mesmo sua professora lhe dizendo era brasileiro por ter nascido no Brasil:

Repetiu a história sobre a viagem, longa e sacrificada viagem em que alguns morreram e foram lançados no mar. E o que importava era o que ia na alma, no coração. — E na alma, você é japonês. [...]. E na cara, também. O que adianta você sair por aí dizendo que é brasileiro? Todos olham para você e sabem que você é japonês. [...] - Seu nome é Haruo — prosseguiu. — Se você fosse brasileiro, se chamaria João, Antonio, José...[...] O que importa é o que otôchan está dizendo: o coração. E eu sinto que meu coração é brasileiro (Nakasato, 2011, p. 66-67)

A subjetivação de sujeitos enquanto pertencentes a um determinado espaço, neste caso, conduz a processos coletivos e individuais de identificação com base nessa experiência comum, como mencionado em “Você tem o espírito de japonês. E na cara também” (Nakasato, 2011, p. 67). Para além dos conflitos familiares, essa subjetivação dos sujeitos nikkeis enquanto nacionais – *gaijin* – ou estrangeiros – *nihonjin* –, aponta para uma construção discursiva sobre espacialidade nos corpos, isto é, são entrelaçados sentidos de estrangeiridade a determinados espaços, de maneira que são conectados língua, corpos, cultura a determinadas geografias (Matsuo; Batista; Ribeiro, 2024). Além disso, a menção do idioma como no trecho “Seu nome é Haruo [...]. Se você fosse brasileiro, se chamaria João, Antonio, José” (Nakasato, 2011, p. 67) é comumente retomada durante toda a sustentação argumentativa sobre essa dualidade identitária (*nihonjin* x *gaijin*), no qual ressaltamos uma passagem: “fizera-se japonês através da aprendizagem da língua japonesa, que falava japonês melhor que a língua portuguesa, e da cultura japonesa, o que o qualificava como um japonês” (Nakasato, 2011, p. 69). A língua aqui então, possui papel fundamental na percepção do indivíduo a determinado grupo, que por sua vez, é também nomeado e constituído por marcas de pertencimento.

Nesses diálogos estão contidos o tensionamento dessas questões quando ocorre uma conjunção de elementos normativos e subjetivos, do ser e se sentir

estrangeiro, pela experiência de deslocamento familiar e que, portanto, existe forte influência sobre a aproximação da experiência da migração. Os paralelos feitos de sua trajetória e a de sua família são mediados pelo tempo e espaço, que aqui são trazidos como dinâmicos, isto é, não rígidos e estáticos numa única linearidade conectada pela sequência dos fatos. O uso da memória, nesse sentido de constituição de si pelo narrador, como citado no trecho: “Repetiu a história sobre a viagem, longa e sacrificada viagem em que alguns morreram e foram lançados no mar” (Nakasato, 2011, p. 66), detém de inconstâncias ao longo da narrativa quando se trata de pertencimento. Pois a dinâmica entre ser, ser compreendido e se sentir *nihonjin* (japonês) em contraposição – e em alguns momentos em conjunção – a ser compreendido e se sentir *gaijin* (brasileiro) é a questão central impulsionadora dos acontecimentos, escolhas e relacionamento dos personagens que afetam diferentes temáticas, sobretudo, as relações familiares intergeracionais do narrador-personagem trazidas intencionalmente na condução narrativa.

O narrador-personagem partindo de uma localidade, temporalidade e nacionalidade diferente, retoma como continuidade e não somente na mera reconstrução narrativa do passado, inserindo-se nela com novas significações, como vemos no trecho: “Não se pode fiar em palavras, mesmo as de vovô, em cujas lembranças procuro os vestígios de Kimie¹³ [...]. Mas é o que tenho além da fotografia desbotada, *onde a vejo*” (Nakasato, 2011, p. 9-10, grifo nosso). A interação do narrador-personagem com os registros, como “a fotografia desbotada” (Nakasato, 2011, p. 10), provoca o surgimento de imagens desse passado coletivo, internalizado em si quando se coloca em cena, como mencionado em “onde a vejo” (Nakasato, 2011, p. 10). E partindo das sementes de rememoração (Halbwachs, 1990), o uso da memória para essa conexão só é possível pela inserção do indivíduo no grupo ao qual coleta, interpreta e transmite a memória, pois segundo Halbwachs (1990) a coerência das sementes de rememoração se dá na coesão do indivíduo ao grupo social.

¹³ Primeira esposa de Hideo.

O contexto em que o narrador-personagem realiza seu deslocamento é situada na crise econômica brasileira da década de 80 paralelamente a ascensão econômica japonesa (Schpun, 2008), conjuntura que levou um intenso fluxo de nikkeis para o Japão com o objetivo de trabalhar e retornar aos países de origem. Esse movimento é denominado *dekassegui*, que além de possuir caráter econômico também continha motivação identitária pois possuem expectativa de não serem mais subjetivados pela estrangeiridade por agora estarem no Japão, onde imaginam, ainda enquanto sujeitos em deslocamento, que se fundiriam “às massas urbanas” (Schpun, 2008, p. 148).

Como no próximo trecho, em que o narrador, neto de Hideo, agora num movimento contrário de seu avô, decide ir – retornar – ao Japão a trabalho e por estar procurando algo que lhe falta, e que achava que encontraria no Japão. O resgate de registros, momentos da memória, sobretudo, de seu avô Hideo (“Ojichan”) são conduzidos de forma que se traduzem na sua própria trajetória e que imagina como continuação da memória de seu avô, tanto que nomeia essa viagem enquanto “quase retorno” (Nakasato, 2011, p. 162), mas ainda é confrontado pelo próprio avô (“ojichan”):

Ojichan ergueu os olhos cansados, quase sem brilho, e disse em palavras novas que o Brasil era a minha terra. Eu não contestei, somente entendi que ojichan gostava de mim, que ele não queria para o neto a sua experiência do desterro (Nakasato, 2011, p. 173)

Seu avô ressalta a condição de seu neto como brasileiro, como um aviso. A mudança de percepção de Hideo sobre ser nikkei adveio dos acontecimentos com seu filho e da proximidade geracional do seu neto com o Japão. A memória aqui então é utilizada como estratégia de construir uma narrativa sobre a trajetória do próprio narrador, que remonta utilizando um quinhão de fantasia (Candido, 1985), isto é, um recurso imaginativo, para sobrepor a falta e reconstruir a memória de sua família. Ou seja, a obra *Nihonjin* (2011) enquanto parte e resultado do mundo e da sociedade brasileira, indica um recorte da vivência nikkei no Brasil, sobretudo dos *dekasseguis* que decidem realizar o movimento contrário de seus antepassados. O narrador, então, se empossa dessa posição de senhorio da memória (Le Goff, 2003) para poder elaborar

uma narrativa que lhe confere sentido nos deslocamentos passados, presentes e futuros.

Essas questões resultam no narrador a sua decisão de se mudar para o Japão para trabalhar como operário, em um “quase retorno” (Nakasato, 2011, p. 162) visto que espera reconhecer no Japão uma familiaridade, de onde reconheceria “um reencontro” (Nakasato, 2011, p. 162). De modo que o uso da memória na construção das relações sociais e familiares resulta na transformação dos espaços — reais e imaginados. Pois o fator que sustenta o dilema identitário *nihonjin* x *gaijin* é a construção social dos espaços, onde se constrói discursivamente elementos que se atribuem a uma geografia, como raça, cultura e língua. As contradições do texto, pela liberdade criativa do autor, ao invés de enfraquecer a narrativa, a fortalece, já que a coerência se dá na ressonância com o que se diz — e não diz. O *todo indissolúvel* (Candido, 1985) garante a coerência do texto, mesmo com contradições, pois mesmo no texto a construção dos espaços e identidades são permeados de conflitos. De maneira que o texto intervém na realidade quando realiza essa manutenção discursiva e a compõem, representando um fragmento da história coletiva brasileira e nikkei.

4. Considerações finais

A partir de uma breve análise de *Nihonjin* (2011), percebe-se que essa obra é um importante objeto para compreensão da realidade dos imigrantes japoneses no Brasil, visto que é resultado desse processo. O *todo indissolúvel* (Candido, 1985), resultado desse esforço, conta com fatores externos e internos da narrativa que são importantes aspectos de análise. E, no caso desse texto literário, os usos da memória são o elemento estrutural basilar da obra por ser o que movimenta as ações no presente pela evocação do passado, não como algo rígido, mas sim dinâmico que conduz as interações e percepção de si com o mundo. O narrador-personagem se utiliza da memória de parentes e instrumentos narrativos literários para (re)constituir os conflitos identitários relacionados à imigração japonesa no Brasil. A narrativa das suas dinâmicas intergeracionais sob olhar de um nikkei apresenta uma forma de observar o fenômeno da imigração japonesa e a vivência enquanto nikkei. Conclui-se

que o narrador-personagem pode ser visto como o senhor da memória (Le Goff, 2003) responsável pela transmissão e constituição da memória desses imigrantes no Brasil.

Assim, o processo pelo qual é usado a memória, tanto em resgate pela evocação dos acontecimentos quanto para significação da própria identidade só é possível ser realizado através dos relatos e relacionamento com os familiares e os registros deixados. Isso nos mostra duas questões fundamentais em relação à memória: primeiro, ela está submetida aos processos naturais de esquecimento da mente humana, mas também a seleção do dizer — e do não dizer —; segundo, as interações com os membros da família são importantes sementes de rememoração para o narrador, enquanto membro de um grupo. O narrador, por assumir essa responsabilidade, nos apresenta fragmentos da história que atua em nós a rememoração sobre esse recorte da história nacional. Portanto, analisar criticamente a estruturação do texto intrinsecamente fundamentada na realidade social como parte coesa, impulsiona demais trabalhos a tratarem a historicidade, a textualidade, sociedade e discurso dentro do texto literário.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Gilberto. Um sentido de retorno. **Rascunho, o jornal de literatura do Brasil**, ed. 137, 11 set., 2011.

ARNT, Gustavo. O problema da dialética entre forma e conteúdo na crítica literária de Antonio Candido. **Revista Cerrados**, v. 26, n. 45, p. 118-130, 2018.

BELTRÃO, Kaizô Jwakani; SUGAHARA, Sonoe; KONTA, Ryohei. Vivendo no Brasil: características da população de origem japonesa. In: SAKURAI, Célia; COELHO, Magda Prates (org.). **Resistência & integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Nacional, 1985.

CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

DUARTE, O. Entrevista – Oscar Nakasato: autor de Nihonjin (romance) e imagens da integração e da dualidade – personagens nipo-brasileiros na ficção (crítica e análise literária). **Polifonia**. Cuiabá, v. 21, n. 30, p. 289-306, jul.-dez., 2014.

FERNANDES, Cleudemar Alves; SÁ, Israel de. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. São Paulo: Pontes Editora, 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HANDA, Tomoo. **O imigrante japonês**, história de sua vida no Brasil. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

ISCHIDA, Camila Aya. **A experiência nikkei no Brasil**: uma etnografia sobre imaginários e identidade. 2010. 295 f. Dissertação, Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, São Paulo, 2010.

ISHIKAWA, Eunice Akemi. A identidade étnica dos jovens brasileiros no Japão. **Estudos Japoneses**, n. 36, p. 29-42, 2016.

JORNAL Candido (Biblioteca Pública do Paraná). **Entrevista**: Oscar Nakasato. Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Entrevista-Oscar-Nakasato>. Acesso em 05 out. 2024.

KODAMA, Kaori; SAKURAI, Célia. Episódios da imigração: um balanço de 100 anos. In: SAKURAI, Célia; COELHO, Magda Prates (org.). **Resistência & integração**: 100 anos de imigração japonesa no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2008, p. 16-29.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e Memória**. Trad.: Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. 5 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 419-476, 2003.

MATSUO, Esther Yuri; BATISTA, João Paulo Santos; RIBEIRO, Jocenilson. A propagação de discursos hostis contra asiáticos amarelos na pandemia de covid-19: uma análise de discursos xenofóbicos em jornais on-line. **Migulim - Revista Eletrônica do Netlli**, v. 13, n. 2, p. 393-414, 2024.

MOTOYAMA, S. O Museu Histórico de Imigração Japonesa no Brasil. **Revista Comunicação e Educação**, ano XIII, n. 03, 2008.

NAKASATO, Oscar. **Nihonjin**. São Paulo: Benvirá, 2011.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, 1993.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SAKURAI, Célia; COELHO, Magda Prates (org.). **Resistência & integração**: 100 anos de imigração japonesa no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

SCHPUN, Mônica Raisa. Imigração japonesa no Brasil: riquezas de uma presença secular. In: SAKURAI, Célia; COELHO, Magda Prates (org.). **Resistência & integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, p. 136-149, 2008.

SUZUKI, T. A imigração japonesa no Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiro**, 39, USP: São Paulo, p. 57-65, 1995.

TEIXEIRA, Samuel Rodrigues. **Narrativa, História e Literatura em Nihonjin, de Oscar Nakasato**. 2014. 46 f. Monografia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação, Curitiba, 2014.

UCHIGASAKI, Minoru. Metodologia da história oral e sua utilidade no estudo da imigração japonesa. **Hon no mushi - estudos multidisciplinares japoneses**, Amazonas, 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/HonNoMushi/article/view/5180>. Acesso em: 12 mar. 2025.

UEHARA, A. Presença Nikkei no Brasil: integração e assimilação. In.: “Simpósio Internacional Comemorativo ao Centenário da Imigração Japonesa no Brasil”, 2008, São Paulo: CEJAP-USP/NICHIBUNKEN. **Revista Estudos Japoneses**, n. 28, São Paulo, USP, p. 177-194, 2008.